

**LITERATURA E O SAGRADO  
FEMININO EM DEBATE:  
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA  
LITERATURA AFRICANA DE  
AUTORIA FEMININA DE PAULINA  
CHIZIANE E BUCHI EMECHETA**

*LITERATURE AND THE FEMALE SACRED  
IN DEBATE: CONSIDERATIONS ABOUT  
THE AFRICAN LITERATURE BY FEMALE  
AUTHORITY OF PAULINA CHIZIANE  
AND BUCHI EMECHETA*

**Cristiane de Sena Camões 1  
Egly Sterfane da Silva Borges 2**

Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela **1**  
Universidade do Estado do Pará. Especialista em Estudos Linguísticos e  
Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará. Mestranda em Letras  
- Literatura pela Universidade Federal do Tocantins.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0190832568680170>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0436-6419>.  
E-mail: [advocaciacamoes@gmail.com](mailto:advocaciacamoes@gmail.com)

Graduação e Mestrado em Letras pela Universidade Federal do **2**  
Tocantins. Professora do Ensino Básico no  
Governo do Estado do Tocantins.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7495426084444920>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5958-8767>.  
E-mail: [egly@mail.uft.edu.br](mailto:egly@mail.uft.edu.br)

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo fazer apontamentos e reflexões referentes ao tema da Literatura africana produzida por mulheres, considerando a importância da literatura quanto ficção e realidade expressa por meio da oralidade e da escrita, em especial as autoras Mocambicana Paulina Chiziane e a autora Nigeriana Buchi Emecheta e a obra *As Alegrias da Maternidade*, abordando o tema da oralidade como forma suprema de discussão da ancestralidade, assim como, fazer reflexões referentes ao silenciamento das mulheres frente as sociedades marcadamente patriarcais, ainda quando a formação moral e/ou cultural são realizadas especialmente por mulheres. Assim, o artigo discute o papel da Literatura nessa mudança de paradigma da figura feminina, com especial atenção a potencialidade e sensibilidade feminina para temas delicados e graves.

**Palavras – chave:** Autoras. África. Oral. Religiosidade. Ancestralidade.

**Abstract:** This article aims to make notes and reflections on the theme of African Literature produced by women, considering the importance of literature in terms of fiction and reality expressed through orality and writing, especially the Mocambican authors Paulina Chiziane and the author Nigerian Buchi Emecheta and the work “*As Alegrias da Maternidade*”, addressing the theme of orality as a supreme way of discussing ancestry, as well as reflecting on the silencing of women in the face of highly patriarchal societies, even when moral and / or cultural activities are carried out especially by women. Thus, the article discusses the role of Literature in this paradigm shift in the female figure, with special attention to the feminine potential and sensitivity to delicate and serious themes.

**Keywords:** Authors. Africa. Oral. Religiosity. Ancestry.

## Introdução

O presente artigo é um estudo que traz reflexões sobre a Literatura e o Sagrado Feminino, perpassando por assuntos que envolvem o liame tão tênue existente entre realidade e ficção nos textos literários, destacando o potencial da Literatura para dialogar com temas tão sutis quanto sérios na sociedade de diferentes épocas e culturas, muitas vezes recorrendo a ancestralidade africana para referenciar sociedades patriarcais retratadas pela Literatura produzida por mulheres, provando o quanto a sociedade evoluiu e tende a evoluir colocando a mulher como potência de força, qualidade, valor e coragem.

A importância da oralidade quanto diálogo e quanto literatura, fonte de conhecimento, arte capaz de manter vivas culturas ancestrais que marcaram a humanidade por séculos. Além de enfatizar também a literatura escrita como caminho para adentrar um universo que clamava pela presença da voz feminina, a mulher precisava ser apresentada nas suas multiplicidades sob a ótica feminina. Assim, ser apresentada com menos fragilidade e de forma mais humana.

Não há dúvidas que a comunicação humana é algo inerente ao homem, desde o mais primitivo até o mais desenvolvido dos homens fez uso de alguma forma humana de linguagem e, assim, se comunicou. A capacidade de desenvolver a habilidade da oralidade como uma das primeiras formas de comunicação é um fenômeno que se desenvolve ainda na infância, e a partir dela, outras formas de comunicação são desenvolvidas. A oralidade sempre mostrou-se uma das fontes mais eficaz para manter vivo o sagrado feminino e a ancestralidade desse valor cultural.

Certamente é fundamental mencionar que mesmo as comunidades humanas menos evoluídas desenvolveram alguma forma de oralidade, num grau maior ou menor de rusticidade ou organização, pois que o componente principal para desenvolver a fala é a interação social, por meio da oralidade muitos códigos culturais se mantiveram por séculos e por meio da literatura oral, muitas releituras foram construídas e muros foram derrubados, pois agora as mulheres também têm voz na Literatura tanto oral como escrita.

Este artigo faz também uma reflexão importantíssima quanto ao Sagrado feminino, recorrendo a estudos da escritora moçambicana Paulina Chiziane, para fundamentar noções importantes sobre “manto do sagrado”, “sagrado feminino” e também “oralidade”, mencionando os Griots, narradores orais que transpõem o conhecimento a gerações, mantendo vivas muitas culturas.

Vale ressaltar que ao trazer para este artigo temas ligados a mulher, sua potencialidade e valor quanto essência de oralidade e ancestralidade, estamos estabelecendo também um debate de gênero, pois que, na contemporaneidade, Segundo Meyer:

O conceito de gênero passa a englobar toas as formas de construção social, cultural e linguísticas implicados com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003, p. 16).

Neste sentido, temos que esclarecer que as diferenças de gênero vão também sendo construídas culturalmente, vai se tecendo ao longo do tempo as marcas históricas de cada gênero, são as práticas culturais que vão marginalizando ou valorizando cada gênero. Então quando discutimos questões de gênero temos que perceber que elas são frutos de construções sociais presentes nas representações de homem/mulher, dos discursos, imagens e nas diferentes produções culturais de cada sociedade.

Também recorreremos a uma obra da escritora nigeriana Buchi Emecheta: *As Alegrias da Maternidade*, para discutir a questão da permanência das convenções patriarcais que muitas vezes relegaram a mulher a um único papel, o papel de reproduzir, negando toda sua potencialidade e capacidade de estar inserida em outros universos sociais, na educação, na saúde, na política, dentre outros. A obra de Emecheta é um retrato da submissão da mulher a uma

cultura marcadamente machista.

### **Literatura oral e o sagrado feminino**

A Literatura como forma de manifestação artística que faz uso da palavra e por meio dela expõe pensamentos, sentimentos e sensações, ela também se revela com um papel imensurável para revelar, resgatar ou ainda manter vivo um valor cultura ou mesmo social que por diversos motivos vai se perdendo no tempo. Assim, a Literatura tem um laço cada vez mais forte com o Sagrado Feminino, mesmo que a produção escrita das mulheres reflita uma distância temporal considerável com relação ao homem, a oralidade sempre foi um recurso hábil ao desenvolvimento da literatura produzida por mulheres, mesmo em muitos casos sem terem consciência disso.

A literatura africana é de tradição oral, mesmo que em países como Moçambique e a Nigéria, por exemplo, a literatura tenha se desenvolvido sob a influência do colonizador, e por isso desenvolvendo-se sob a forma de uma literatura eurocêntrica e de supremacia do gênero masculino, por outro lado, há as narrativas orais produzidas e reproduzidas por mulheres na cultura africana, as quais revelam muito da cultura ancestral africana, assim como do sagrado feminino.

Neste momento, vale ressaltar que estamos falando de culturas que foram vítimas da total influencia do colonizador, o qual marca fundamentalmente na forma de pensar, constituir valores e inegavelmente na língua daquele povo, é uma verdadeira castração cultural que irá marcar severamente a produção literária do colonizado em relação a sua metrópole. Assim, conforme Bonnici (1998, p. 7), “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista.”

Dessa forma, a cultura que se alicerça em uma tradição oral, pode sobreviver no ceio de cada povo, e assim, manter-se de alguma forma viva pela narratividade advinda da tradição. Nesse passo, a literatura oral será um instrumento nas mãos de muitas mulheres para trazer a tona o sagrado feminino, revestido na necessidade de revalorização da mulher como enfrentamento a poligamia, ao machismo e repressão, por exemplo.

A escritora moçambicana Paulina Chiziane é uma representação contundente do tema do Sagrado Feminino, ela não só discute a força da mulher quanto indivíduo dentro de um contexto social repleto de potencialidade, como também dissemina mitos que traduzem o Sagrado, além de ser exemplo promissor da voz e força feminina na sociedade moçambicana e também fora desse contexto espacial. Uma das bases da produção da autora surge da tradição oral em sempre esteve inserida, as narrativas de seus ancestrais lhe marcaram profundamente e ainda hoje servem de fundamento para muitos debates que propõe em suas obras:

É o recebedor que transforma a obra, até então mero artefato, objeto estético, ao decodificar os signos transmitidos por ela. Em outras palavras a obra...só se concretiza quando percebida por uma consciência, a do sujeito estático” (ZILBERMAN, 1989, p. 21).

A autora imprime em seu discurso seja escrito seja oral a força do sagrado feminino, usa a literatura como expressão legítima de luta contra as opressões sofridas pela mulher e assim legítima a força e a luta feminina.

Segundo Chiziane, a oralidade é o primeiro lugar de todo ser humano, e é por meio da oralidade, que manifesta consciente ou não na forma de literatura oral que vamos construindo, reconstruindo e preservando o conhecimento cultural e religioso de nossos ancestrais, assim como, reconhecendo e mantendo vivos o sagrado feminino expresso cotidianamente na vivência de muitas mulheres.

São inúmeras as lições deixadas pelos nossos narradores orais, eles se apresentam como verdadeiros livros sempre abertos e a folhear, eles marcam cada ouvinte profundamente, co-

locam neles as sementes que futuramente florescerão. Utilizam - se dos diversos mitos para construir valores, lições, ensinamentos desde os ancestrais, para que a presença dos “outros” não nos faça reprimir, negar nem esquecer o que temos de nossa em nossa história, cultura e tradição.

Assim, culturas milenares apresentam-se vivas pela presença da oralidade e das narrativas orais, assim como da presença de um narrador oral, mas não se trata de um simples mediador, visto saber usar como ninguém instrumento como a voz, os gestos, o corpo e a linguagem oral, utilizando-se com propriedade daquilo que narra, traduz as ações simbólicas das personagens, detalhes seus ambientes, aproximando o universo paralelo das narrativas ao mundo do ouvinte. Nesse sentido, esta pesquisa prioriza o valor de inúmeras habilidades da criança.

[...] alguém verdadeiramente capaz de estoriar algum evento, mais ainda, ele constitui alguém que enriquece a sua própria verdade com aquilo que vem, a saber, apenas de ouvir dizer. (BEMJAMIN, 1936, p.20).

O ‘griot’ moçambicana é um grande exemplo do narrador oral, assim como os avós, tão comum a cultura os mais idosos que assumem esse papel, ambos representam a memória do povo, pois que narra os mitos que ensinam a história e os valores do povo ganham maior verdade quando carregados de afeto e respeito pelo narrador oral, pois, Chiziane ressalta que na literatura oral, vive o afeto e nesse contexto, toda a sensibilidade feminina para contar as mazelas sociais e a necessidade de superá-las. Assim, mesmo que já se conviva com a tecnologia trazendo as narrativas para as crianças, nunca terá a sensibilidade, o calor humano.

O processo de desenvolvimento da linguagem na formação linguística do indivíduo está marcado por uma relação que aos poucos vai se constituindo, a relação entre leitura e escrita ou palavra e voz. Desta relação, a fala sempre irá anteceder a aquisição da escrita, e serve de instrumento para esta. Isso acontece, já que o natural é que costumeiramente no processo inicial de formação da linguagem na infância, o contato entre o mundo exterior se estabeleça pela voz.

É pela voz que Chiziane recebeu e transmitiu, por exemplo, a simbologia do manto do sagrado, mais uma das tantas narrativas que ouvira de seus ancestrais que rasgado no mito, traz consigo a história da mulher que teve desde a origem do sagrado seu potencial relegado a uma submissão (pecado), e assim a cultura africana vai sendo narrada nos diversos mitos que se reproduzem de boca e boca na figura do narrador oral.

Não há dúvidas que sofrer influências, vê na figura do narrador oral e em sua voz certa autoridade, é confirmar o valor que este ainda suscita para o homem atual, o qual, assim, compreende que a atividade de ouvir e contar histórias é um processo privilegiado na transmissão de conhecimento e valores humanos, já que por meio delas se pode apreender um mundo diferente, o mundo literário, por meio do qual se reconhece a linguagem, a cultura e os valores de outrora.

## **Literatura e vozes femininas africanas**

Desde o século passado observa-se que a literatura africana tem crescido no campo da escrita, principalmente verifica-se um crescimento de autoras femininas, dentre as quais citamos: A Moçambicana Paulina Chiziane e a Nigeriana Chimamanda, ambas desenvolvendo uma literatura usada como instrumento contra a opressão feminina, dentre temas de grande potência política e cultural.

Até hoje já foram muitas as produções tanto dos ilustres escritores do cânone mais afa- mados, quanto dos mais contemporâneos, dadas as suas diferenças, ambos já se utilizaram do tema da figura feminina para produzir suas obras, os primeiros recorriam aos mitos africanos e o sagrado feminino como forma de eternizar suas obras, os contemporâneos já tratam do tema sob um prisma marcadamente crítico, não apenas tratando de culturas e mitos ancestrais, mas principalmente analisando a força, potencialidade e silenciamento feminino na atualidade. No

entanto, somente as mulheres de fato conseguirão expressar a dor de um golpe que foi sentido por elas e que jamais será representado pela ótica do opressor, pois que lhe falta compreensão da dor do silêncio.

A escuridão é tamanha que em Moçambique somente no final do século XX teremos a primeira obra escrita por uma mulher, Paulina Chiziane publica a obra: *Balada de amor ao vento*, rompendo assim com uma barreira que é muito mais cultural que temporal, se observar-se que ela rompe com a cultura já há muito enraizada do machismo, mas não sem sequelas, as críticas foram avassaladoras, mas não o suficiente para lhe calar.

Por outro lado, temos umas das escritoras de origem africana mais afamadas da atualidade, Buchi Emecheta é de origem Nigeriana e trouxe para o centro da discussão sobre o feminismo e as questões de gênero a personagem Nnu Ego, da obra *As alegrias da maternidade*, onde se evidencia a condição da mulher de total submissão ao homem, sem poder ter uma vida social profissional fora do ambiente doméstica, as mulheres são vítimas da cultura do colonizador que atribui apenas ao homem a vida social e profissional.

E não somos de certo modo escravos dos brancos? Perguntou Nnu Ego com voz estrangulada. Se eles nos deixam comer, então comemos. Se dizem que é para não comermos, de onde vamos tirar comida? Ubani, você é um homem de sorte e me alegre por você. O salário pode ser pequeno e o trabalho pode ser de escravo, mas pelo menos sua esposa está tranquila sabendo que no fim do mês vai receber algum dinheiro para alimentar os filhos e você. O que mais uma mulher pode querer? (EMECHETA, 2017, p. 163).

A felicidade sugerida à mulher nesse contexto é a advinda do matrimônio e da maternidade, a vida e as alegrias estariam restritas a essas experiências, pois a felicidade da mulher na obra parece alicerçada na submissão de estar no lar, servindo o marido, cuidando da casa e dos filhos. Internalizar esse papel era necessário para se viver naquele padrão que fora imposto a personagem Nnu Ego, mas nem todas as mulheres da ficção e da realidade irão se sujeitar a esta condição.

A educação ser algo restrito aos homens, facilitava no processo de submissão feminina. Vemos isso através do marido de Taiwo, uma das gêmeas, filha da Nnu Ego, mesmo instruído ele preferiu casa-se com uma mulher analfabeta.

Embora tivesse instrução, sabia que seria mais feliz com uma esposa pouco instruída. Disse para si mesmo que desde que a esposa fosse capaz de gerar filhos, manter o quarto limpo e lavar sua roupa, estava perfeitamente satisfeito. (EMECHETA, 2017, p.281).

A literatura faz o registro da condição social das mulheres em muitas sociedades, no caso da Nnu Ego, temos um bom exemplo de como a mulher ficou relegada o segundo plano. Não é nenhuma tarefa fácil manter viva a força feminina em meio a culturas marcadamente patriarcais. É um grande exemplo o que vemos, então na *As Alegrias da Maternidade*, de Buchi Emecheta, ao refletir sobre a condição da mulher no capítulo que tem como título: “Uma mulher fracassada”, o capítulo retrata o peso que recai sobre a mulher pela experiência por si só dolorosa da perda de um filho ou mesmo da dificuldade para engravidar.

No romance é sobre a personagem da Nnu Ego, casada com Nnaife, mas infeliz em seu casamento, pois lhe recai o peso do fato de não conseguir ter filhos. O enredo deixa claro que a alegria da personagem veio com a chegada do filho que era considerado melhor que uma filha. Mas a criança que tanto desejara, que lhe validava como mulher para sua cultura, não sobrevivera.

O fato de a personagem perder seu filho lhe relegava a um papel subalterno na sociedade, como se ela tivesse nascido apenas para aquilo, e falhara. O peso que recai sobre a mulher é tão grande que a mesma entra em desespero, questionando porque estava sendo tão castigada, não queria mais viver, tentara tirar sua vida para livrar-se dessa vida condenada a vergonha e ao sofrimento.

Chiziane nos alerta para dupla crueldade do ato na perda do filho, primeiro o sofrimento sem igual de perder um filho e depois da punição social que lhe reprime e segrega, ignorando também a própria natureza humana ao alertar que alguns mulheres por algum problema biológico também não poderão gerar filhos, por si só já é uma dor para a mulher, a autora afirma que “A obsessiva ideia da mulher mãe afasta a mulher estéril da categoria humana. (CHIZIANE, 2008, p. 29).

Assim, ao mesmo tempo em que a obra retrata o Sagrado Feminino com um certo aspecto de divindade, pois foi concedido à mulher a possibilidade de gerar uma vida, conceber um filho, revelando-se, assim, como um ser privilegiado. Também impõe a mulher a punição de não poder gerar filhos, o que em certas culturas vai representar que aquela mulher era impura, era pecadora, estava sendo castigada e por isso não mereceria ser mãe.

Estas são representações que pesavam severamente sobre a figura feminina, e diante dos problemas cotidianos que envolviam as mulheres, sempre havia um enredo cercado de mitologia que dava conta de explicar a situação, restando a mulher estar sujeita aos efeitos de uma sociedade patriarcal.

O papel da mulher na cultura de sua tribo era gerar filhos, ela sentia que falhara em seu papel. E mais, o suicídio também era inaceitável, pois não podia externar seu sofrimento e nem envergonhar ainda mais a sua família. Dessa forma, a mulher deveria apenas sofrer calada, pois falhada para a sociedade, levando a responsabilidade por muitas mazelas familiares e sociais.

Para fazer um paralelo com a figura masculina, cabe mencionar outro personagem deste romance, o Nnaife, marido de Nnu Ego. Sua esposa foi comprada pelo irmão mais velho para ele, no entanto, ela não gostava dele, achava-o feio e fora do padrão dos homens trabalhadores da sua tribo, que trabalhavam na lavoura. Assim, não lhe admirava por estar ali, ser um lavadeiro de uma família abastada, lavando as roupas íntimas de sua patroa.

Na obra fica evidente como a sociedade, nesse caso a Nigéria colonial, é machista e patriarcal, não importando quem é a mulher, seus valores, suas virtudes, o homem sempre estará numa condição intocável, e é esse pensamento que é alimentado em Nnaife o tempo todo por seu amigo Ubani.

Nesse contexto, as mulheres estavam relegadas apenas ao papel servir e reproduzir. As contemporaneidades nos mostra que as mulheres foram de encontro a essa condição social, e sob o manto do Sagrado Feminino aceitaram lutar por seu lugar, respeito e desenvolvimento de suas potencialidades.

Emecheta também traz para o debate a apresentação de quem reage a essa condição, enquanto Nnu Ego seguia “as regras do jogo social”, a personagem Adaku, questionava a condição em que eram obrigadas a viver, sem poder trabalhar e em condições penosas, por isso, reage, pretende dar condições de sobrevivência e estudo às suas filhas, enquanto que Nnu Ego, representa a mulher que se vê incorporada no sistema, sem forças para questioná-lo ou muda-lo, ela apenas reproduz o machismo que vê imposto as mulheres.

Dessa forma, na casa de Nnu Ego, é evidente a construção da superioridade dos filhos homens com relação as filhas mulheres, pois no momento de condições financeiras mais precárias ainda, as filhas param de estudar para ajudar no trabalho com a mãe e assim, conseguir pagar os estudos dos meninos.

Nesse contexto, fica evidente que as meninas precisavam cuidar da casa, ser virgem e gerar filhos para deles cuidar. Assim, a criação das gêmeas baseava-se na submissão às ordens do pai e no serviço aos irmãos, até o fato de gerar filhas mulheres era recebido com menos alegria e atenção do que filhos homens.

Um momento interessante apesar de trivial é quando se percebe o quão está reproduzido na família de Nnu Ego, entre os filhos, as práticas da sociedade daquela época, pois as atividades domésticas também eram feitas somente pelas filhas e quando a mãe pedia ajuda aos



filhos, Oshia se recusava: Não vou! Sou menino! não preciso ajudar na cozinha? Isso é trabalho de mulher!, gritou Oshia em resposta, e continuou brincando com os amigos” (EMECHETA, 2017, p. 177).

Certamente para mudar pensamentos e comportamentos impregnados de machismo é preciso tempo, coragem e exemplos, um processo de construção de sociedades e pessoas diferentes só se faz com muita luta, formar novas identidades e personalidades ao longo do tempo é fundamental para que novas sementes sejam plantadas.

Dessa forma, a identidade deve ser entendida como um processo inacabado, pois ela vai está sempre se modificando, se reconstituindo, pois hoje podemos apresentar uma identidade que futuramente pode ser diferente. Então devemos estar cientes de que o que somos hoje foi constituído através do discurso, os quais estão empregados por relações de poder e por isso não são fixos, já que o discurso vai mudando ao longo dos séculos:

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a estrutura discursiva e narrativa. A identidade está ligada a sistema de representações. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2000, p.96).

É interessante destacar que as identidades são re/construídas a partir de representações sobre o sujeito, as quais são construídas social e historicamente e que são frutos de discursos re/produzidos por variados grupos e instâncias sociais, inclusive no cotidiano escolar:

Não é o Eu colonizador nem o Outro colonizado, mas o espaço perturbador entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do branco inscrito no corpo do negro (BHABHA, 1986, p. 45).

Chiziane apresenta a mulher ‘grandiosa’ e ‘universal’, como herança de seus ancestrais, assim, é preciso sempre lembrar que as mulheres tardiamente ocuparam seu verdadeiro lugar na literatura, pois na África estão importantes referências de mulheres e muita tradição a ser discutida. Desde a origem apresentada no texto sagrado já se vê a distinção de gênero, no entanto, é inegável que a literatura oral e escrita, assim como os rastros do sagrado contribuem para combater rotineiramente o discurso de ódio quanto ao potencial da mulher.

Subversiva, pois enfrentou todos os preconceitos em relação à nova atividade e também por querer educar as meninas que, na concepção social, só precisavam se casar e conseguir um bom dote, ao contrário dos filhos homens que estudariam para crescer profissionalmente. Adaku não aceita aquela condição imposta pela sociedade e Nhu Ego, então, reage com um discurso carregado da cultura machista:

Você não pode! E suas filhas? Nenhum homem de Ibuza vai querer se casar com moças criadas por uma prostituta. [...] Desculpe se a insultei [Nhu Ego], mas você perguntou, está lembrada? Quanto às minhas filhas, elas vão ter de tomar suas próprias decisões neste mundo (EMECHETA, 2017, p. 233).

A literatura vai servindo de instrumento para fazer uma leitura de valores, hábitos e comportamentos culturais, por vezes sob um aspecto mais ficcional, mas em outros com tamanha fidelidade que se aproxima do texto histórico, traduzindo em alguns casos um liame muito sutil entre ficção e realidade, para trazer a leitura feita por Marques de Carvalho no obra

“Literatura e os Rastros do Sagrado”, tanto em poemas como em textos de diferentes gêneros, vai se visitando o sagrado feminino por diferentes manifestações, ora retratando deusas, ora bruxas, e atualmente, com a efetiva representação da mulher. De modo que enredos míticos e fabulosos transcendem a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, em diferentes estilos e formas literárias, nos possibilitando reconhecer o que hoje conhecemos como Sagrado Feminino.

Assim, nos vemos diante de dois temas que isoladamente, muitas vezes foram tratados até como antagônicos na antiguidade, pois o Sagrado está comumente associado a divindade, enquanto que o elemento feminino vinculado a mulher ficou por séculos marcado pela submissão, incapacidade e ainda o próprio pecado. Dessa forma, associar ambos é trazer uma valorização para a mulher, mesmo em contextos em que a sociedade lhe dá valor menor, resstando a arte lhe elevar.

Trabalhar na perspectiva das relações de gênero significa rejeitar quais quer explicações essencialistas, que se pretende imutáveis e universais. No entanto, é preciso reconhecer a dificuldade de se romper com essa visão, especialmente quando se trata de discutir aspectos ligados a masculinidade e feminilidade (FELIPE, 2000, p.169).

A literatura produzida principalmente por mulheres vem resgatando também as sociedades de cultura matriarcal e reconduzindo a presença da mulher tanto na literatura como na própria sociedade. Valorizando mulher e desmistificando responsabilidades que não necessariamente são delas, mas que sobre elas recaiu como sequela de sociedades patriarcais e conseqüentemente machistas. É tão verdade o equívoco da leitura feita muitas vezes sob uma ótica negativa do elemento feminino que hoje temos várias formas de ações reparadoras/afirmativas, as quais implicam em uma política de combate aos preconceitos, toda forma de violência, desqualificação moral e profissional, e assim, estereótipos e representações.

Ao compartilhar suas histórias, você tem autoria sobre elas. Ao contar aquilo que você viveu, você tem autoria sobre aquilo, sobre aquela lembrança. Mesmo uma lembrança difícil, daquelas que fazem você chorar até hoje – aquilo faz parte de você, faz de você a pessoa forte, independente, única, que você é hoje (GIRARDELLO, 2015, p. 19).

A literatura e os rastros do sagrado revelam ações que visam quebrar as formas de preconceito e discriminação presentes em uma dada sociedade, sensibilizando para ações de valorização das mulheres “marginalizadas” na sociedade, reconstruindo, dessa maneira, sob uma leitura compatível com a sociedade e sua evolução cultural e social, o Sagrado Feminino.

### **Considerações Finais**

A sociedade em diferentes épocas se utilizou da literatura para registrar as relações sociais sob seus mais diversos aspectos, muitas mulheres passaram muito tempo sem voz, se utilizando fortemente da oralidade para manter viva sua essência, mas o muro do silêncio pouco a pouco vai sendo derrubado, as mulheres e o sagrado feminino vêm mostrando seu potencial e força, talento e valor.

Muitas escritoras nascem cercadas de medo do que dizer e de como dizer, pois reconhecer o ambiente hostil que muitas vezes lhes espera, mas ela precisa saber que outras mulheres dependem dessa força e coragem de dizer aquilo que precisa ser dito. Ser uma escritora africana pressupõe produzir uma literatura combativa, pois é preciso que as mulheres que estão na posição de ser ouvidas digam o que precisa ser dito, mudanças e conquistas.



A presença de mulheres produzindo literatura traz grandiosamente uma visão necessária do Sagrado Feminino para a sociedade. Desse modo, a literatura vai, na decidido dizer certas coisas de certo modo, dizer com “responsabilidade social”, não o fazendo nas entrelinhas, não temendo se irá desagradar seus críticos ferrenhos. O escritor precisa saber que o que dirá como forma de linguagem que é, ficará registrado por suas palavras na história, mas são reflexo das exigências da sociedade daquela época, daquele momento, por isso, o escritor não pode estar cercado de medos da rejeição, ele precisa saber que o que faz dele um escritor é exatamente o modo como decidi dizer aquilo que precisa ser dito.

A mulher, ao escrever, reflete sobre a necessidade imperiosa que há também de dizer o que por muito tempo era proibido ser dito, tratar daquilo que não era mercadológico, expor o que expressavam seus verdadeiros anseios e deveria alertar a outros, por isso, a mulher possui o desejo de uma escrita libertadora, capaz de expressar sua arte, ideias, desejos, ambições e fazê-lo livremente.

Não há dúvidas que muitos grupos sociais não tiveram suas vozes ouvidas nas narrativas literárias, as mulheres muitas vezes tiveram seus pensamentos e sentimentos, condição social expressos por um homem, que jamais compreenderia de fato suas demandas, a esse respeito afirma Silva:

Como ilustração de como determinados grupos podem ser silenciados nas narrativas históricas ou literárias, Linda Hutcheon (1991, p.143) indaga: “nas tradicionais histórias do século XVIII, onde estão as mulheres?” No caso do estudo de Hutcheon, que trata da poética do pós-modernismo, a autora aponta a metaficção historiográfica como um subgênero romanesco que contesta as versões históricas oficiais ou mesmo outras obras literárias. E exemplifica com o romance *Foe*, publicado em 1986, pelo escritor sul-africano Michael Coetzee, em que a personagem feminina Susan Barton, também náufraga da mesma ilha de Robinson Crusoe, traz para *Foe* (Daniel Defoe) a sua versão da história para ser narrada. Esta seria uma “história a contrapelo”, como queria Benjamin, só que, neste caso, em narrativa literária (SILVA, H. M. 2016, p. 161).

Partimos da ideia de que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, ainda presentes nas sociedades do mundo contemporâneo, não se devem a características inatas e biológicas dos sexos, mas sim à construção cultural dessas diferenças. Esse processo de construção cultural vai se delineando com nova roupagem, num processo lento e necessário, pois a força coercitiva exercida pela sociedade sobre o indivíduo agora age para dois polos, tanto o masculino como o feminino. As mulheres estão ouvidas, lidas e representadas.

Portanto, este artigo incita a reflexão de que a sociedade contemporânea é o resultado de uma diversidade de influências vivenciadas pelo homem nos últimos séculos, não sendo possível ignorar que dessas influências surge um homem moderno, com novas perspectivas, imagens, valores e informações, e que de tais mudanças, a participação viva e ativa da mulher é revelada na Literatura Oral e Escrita, dialogando com a concepção do Sagrado Feminino.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Rate Gonçalves. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. \_\_\_\_\_. 1986.

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v.19, n. 1, p. 07-23, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas**. 6ª ed. São Paulo (SP), Ed Brasiliense, 1993.

CASCUDO, Luis da Câmara. **A Literatura Oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo; Edusp, 1984.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

EMECHETA, B. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FERREIRA, J. P. **Armadilhas da Memória (conto e poesia popular)**. Salvador: Fundação casa de Jorge Amado, 1991.

GODOI, E. C. e PERIN, L. B. Representações de gênero e luta feminina nas fronteiras do sagrado: relatos do cotidiano e formas de ação. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, v. 5, n. 2, p.108-116, jul./dez. 2017.

HARTMANN, L. **Gesto, palavra e memória : performances narrativas de contadores de causos**; Florianópolis : Ed. da UFSC, 2011. 310 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 1,-5. ed.-São Paulo: Atlas 2003.

MAGALHÃES, A. C. de M. e SILVA, E. B. **Literatura e os Rastros do Sagrado**, EDUEPB Campina Grande/PB, 2016.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do ocidente** / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SARTRE, J-P. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SILVEIRA, E. J. **Rastros do sagrado no mundo contemporâneo: reflexões**. **Revista Relegens Thrékeia**, V. 07 N 2 (2018) – pp. 77 a 104.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo (SP): Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção e Leitura**. Trad.: Jerusa Pires Ferreira, Sueli Fenerichi. São Paulo (SP): EDUC, 2000.

Recebido em 23 de abril de 2021.  
Aceito em 28 de setembro de 2021.